

O problema do sentido

The Problem of Meaning

Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho (UFSJ - São João del-Rei - MG)
mauricio@ufsj.edu.br

Resumo: Neste artigo examinamos de que modo o problema do sentido tornou-se uma questão filosófica, como adquiriu importância nas últimas décadas afetando o modo de viver das pessoas e o que a reflexão sobre ela ensinou sobre o modo de ser do homem.

Palavras-chave: Existência; Sentido; Liberdade; Problema; Filosofia.

Abstract: This paper examines how the problem of meaning became a philosophical question, how it has acquired relevance in the last decades influencing people's way of living, and what the reflection about it taught about man's way of being.

Key words: Existence; Meaning; Freedom; Problem; Philosophy.

1. Considerações iniciais

O sentido da existência humana nasce como problema filosófico da confluência de um pensamento de fundo existencial e outro de inspiração fenomenológica. “Por influência do existencialismo de Sören Kierkegaard, a subjetividade cartesiana, tornada transcendental por Kant, adquiriu conotação existencial” (CARVALHO, 1999, p. 37). Embora distintas na origem, a citada meditação de Kierkegaard sobre a existência humana e a fenomenologia de Edmund Husserl se aproximam no considerar o homem uma realidade que não se resume à sua corporalidade. De fato, o homem não deixa seu estrato material, mas sua liberdade o afasta do movimento mecânico próprio dos seres naturais. Kierkegaard refere-se diretamente ao homem em suas análises antro-po-teológicas, enquanto Husserl estuda os problemas da consciência. Martin Heidegger referiu-se, na sua conhecida obra *Ser e Tempo*, a uma aproximação entre as duas abordagens. Ele elaborou uma analítica existencial por meio da qual esperava vencer tanto o reducionismo do positivismo quanto do idealismo presentes na filosofia do século XIX. Sobre a crítica à ciência que a fenomenologia de Husserl e as posições de Kierkegaard fizeram, Heidegger a precisou indicando o valor e os limites da ciência. O movimento que surgiu na continuidade da

analítica de Heidegger ganhou o nome de fenomenologia existencial ou de existencialismo fenomenológico. Nele se inserem, para indicar apenas os maiores expoentes, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Gabriel Marcel e Albert Camus na França, Delfim Santos, em Portugal e Karl Jaspers, na Alemanha.

Albert Camus resumiu a questão filosófica fundamental que preocupa os representantes do movimento a uma única verdadeiramente digna de ser meditada: como é o sentido da vida humana? A vida possui sentido ou o suicídio é o que se nos oferece como alternativa mais plausível às limitações da existência? Não que os problemas tradicionais da filosofia não sejam importantes para os existencialistas, mas eles ficam na dependência da resposta que se dá à questão primordial. O filósofo francês trata a questão do sentido nos romances *A Peste* e *O Estrangeiro*, bem como nas peças de teatro *Calígula* e *Os Justos*. Ao optar pelo sentido construído pelo existente coloca em evidência o problema da liberdade, pois nela reside o problema central do sentido. Este sentido da vida como produto da liberdade é assunto fundamental para os existencialistas, esclarece outro filósofo conhecido, o francês Roger Garaudy, que durante algum tempo se inseriu no movimento existencial. A vida não tem um sentido prévio ou pode ser objeto de posse como ele escreveu em *Palavra de Homem*. Ter sentido na vida não é o mesmo que se ter uma casa ou uma conta no banco. Seria, se assim fosse um cenário já criado, fora de nós e sem nós; teríamos apenas que representar aparentando crer em nossa liberdade. Sentido não é posse nem herança.

2. Atualidade e importância da questão

A questão do sentido ganhou importância como resposta à desorientação das pessoas neste nosso tempo. É o problema fundamental da analítica existencial desenvolvida por Martin Heidegger, mas como notou Victor Frankl, o problema do sentido tem implicações mais extensas e não se limita à dúvida teórica própria do filosofar. Ele se expressa no sentimento de vazio de sentido, ou na dúvida sobre o que fazer com a vida, assunto que passou a dominar as queixas das pessoas aos psicoterapeutas desde a segunda metade do século XX. E as reclamações não diminuíram nas últimas décadas. O vazio existencial e a depressão tornaram-se as doenças do século XXI e isto aumenta o interesse pelo assunto. O homem quando não sabe o que fazer com sua vida alimenta dificuldades

existenciais profundas, conclui Frankl. Este sentimento se manifesta de muitos modos, mas é percebido principalmente como crise de valores, da chamada meia idade ou até no medo do domingo, tão comuns nas últimas décadas. Neles o que verdadeiramente aparece é a falta de sentido. Esta falta de sentido significa para Victor Frankl a perda de referência autotranscendente, não de um Deus ou do extramundo, mas de um alvo consistente que balize a liberdade. Frankl dizia que a liberdade é um abrir-se para algo que está fora do homem: um amor, um amigo, uma causa. E a existência humana, quando aponta para além de si mesma, mostra algo que não é ela mesma. Quando a vida perde completamente este sentido de transcendência o resultado é a falta de vontade de continuar vivendo, diz Frankl (1990): “Lá a sensação da falta de sentido vai até o suicídio” (p. 27).

A Filosofia Clínica, uma técnica de ajuda pessoal desenvolvida nas últimas décadas por Lúcio Packter, como outras similares de inspiração fenomenológica existencial, também realçou a questão do sentido e de sua importância na construção da singularidade pessoal. Packter mostra que o homem é único pelo exercício de sua liberdade, recuperando o principal da analítica existencial. Ele também entende que cada pessoa é singular pela forma como se relaciona com o que a cerca, isto é, o existente vive num lugar e num tempo, integra uma cultura. Tudo isto o filósofo clínico considera ao obter a historicidade de quem o procura. No entanto, estes aspectos não são tudo na formação da singularidade; há a se considerar a carga genética que deve ser somada à liberdade e à circunstância. O avanço da Biologia ajuda a compreender o aspecto físico da singularidade, mas o que fundamentalmente nos faz únicos são as escolhas que cada pessoa fez e faz a partir dos elementos circunstanciais que a singularizam. Na última das cinco categorias usadas pelo clínico para fazer a análise categorial, ele espera compreender como as informações colhidas se unem para formar um mundo singular. Explica Lúcio Packter no *Caderno A* (1998): “aprendemos, em resumo, que, ao viver, cada pessoa cria um modo íntimo de se relacionar com as coisas, o que inclui a relação com ela mesma” (p. 39).

A questão do sentido reaparece na Filosofia Clínica no levantamento da estrutura de pensamento, procedimento no qual o filósofo avalia como a pessoa se organiza intimamente. Entre os trinta que formam a estrutura de pensamento está o tópico busca. Embora Lúcio Packter não dê a ele destaque maior que aos outros tópicos como queria

Victor Frankl, toma-o como importante para quem o emprega. Quando a pessoa usa o sentido para superar as dificuldades vividas, como observou Frankl em alguns prisioneiros no campo de concentração, Lúcio Packter denomina o procedimento de submodo. Busca é o submodo 11. A filosofia clínica trabalha com o entendimento de que cada existente tem um caminho singular a seguir em sua vida e suas buscas ajudam a entendê-lo. Nichelle Paulo (1999) explica o submodo busca como a presença do sentido na malha intelectual, como sendo “o devir, o projeto pessoal, o sonho guardado. Ela (a busca) mostra para onde o sujeito está indo. Indica aonde a pessoa vai existencialmente” (p. 102). Em resumo, a busca é a operacionalização do sentido e se altera ou morre em função de algumas coisas que nos acontecem. Este aspecto também foi observado por Victor Frankl. O que a Filosofia Clínica mostra de forma particular é que a busca pode ter maior ou menor significado na vida de um existente concreto, sem que por isto esta pessoa tenha uma vida menos humana. Neste ponto, a clínica filosófica se afasta do que dizia Frankl para quem a questão do sentido preside a formação da consciência.

O livro *O sentido da vida*, de Gilberto de Mello Kujawski, recentemente publicado, chama a atenção para a importância que o tema possui para a Filosofia. Isto é, ele nos revela que mesmo sem considerar a importância que o assunto suscita em outros campos do conhecimento, o problema permanece sendo um instigante desafio para os filósofos. O voltar-se para o sentido da parte dos filósofos faz parte dos desafios de um tempo que percebeu que não se pode explicar o cosmo desconsiderando nossa existência. Ela é “a realidade primária em que estamos mergulhados” (p. 25).

O fazer a vida, o dar um sentido para a existência no uso da liberdade, não ocorre no vazio. É o que nos mostra a analítica existencial de Heidegger ou mesmo o que se apreende das reflexões orteguianas sobre a circunstância. O mundo, de onde o homem emerge e parte para edificar uma existência única e pessoal, não é somente o mundo natural constituído de oceanos, rios, matas, montanhas, campos e cascatas. Este mundo natural que sustenta a vida segue o curso mecânico das leis rígidas. O espaço onde vive o existente é igualmente constituído de cidades, utensílios, objetos diversos, aparelhos, procedimentos variados, crenças, línguas, artes e muitas outras realidades tangíveis e intangíveis que a humanidade criou ao longo da História. No mundo atual, o espaço em que vive a maioria

dos homens constitui aquilo que ficou conhecido como cultura ocidental. A elaboração do sentido pelos homens não se faz à parte de tudo isso que a humanidade produziu ao longo do tempo. Quando principia sua existência o homem se descobre naquilo que o filósofo Miguel Reale denomina *a priori* cultural. Assim, pode-se dizer que, embora distintos, o mundo como coisa pensada e enquanto experiência vivida ganham sentido e se encontram no homem.

A temática de Kierkegaard e Husserl encontra no culturalismo ontogenoseológico de Miguel Reale um encaminhamento diverso do proposto em *Ser e Tempo* por Martin Heidegger (1962), mas há um ponto comum com a analítica heideggeriana que assim se expressa: “A angústia torna patente o ser aí, ser relativo ao mais peculiar poder ser, quer dizer, o ser livre para a liberdade de eleger-se e conduzir a si mesmo” (p. 208).

Avaliando o que nos deixou Miguel Reale, parece que o problema fundamental a ser aprofundado são os modos de relação entre Existência e Cultura, que é o modo culturalista de considerar a condição do ser-no-mundo, traduzindo-se mundo por espaço natural modificado pela objetivação dos valores. Tivemos oportunidade de indicar os muitos aspectos da questão em *O Homem e a Filosofia, pequenas meditações sobre a existência e cultura*, onde escrevemos:

Que o nosso tempo enfocou o homem situado no mundo, o que faz parecer superficial as tentativas de retirá-lo do mundo onde vive e ignorar a relação que o sujeito mantém com o seu entorno. O estar no mundo, no meio das coisas, é uma circunstância fundamental (2007, p. 38).

Pensar a liberdade no espaço cultural é a forma culturalista de compreender o horizonte do sentido e o espaço das escolhas. É numa situação dada que a vida humana, com seus limites e possibilidades, que o existente elabora o sentido. É no sentido que o problema da realidade é concebido, e tudo quanto há, encontra um modo de ser compreendido. A elaboração do sentido depende de uma consciência que é histórica e se desenvolve numa sociedade que também o é. Parece ser esta a forma atual com que os culturalistas tratam a questão do sentido, ficando a tarefa de aprofundá-lo como realidade existencial considerando os desafios de nosso tempo.

3. Dificuldades de nosso tempo

Vimos no item anterior que a construção do sentido ocorre numa dada situação ou circunstância. Vamos indicar agora que este aspecto afeta a edificação do sentido. Em momentos tranquilos da história humana, o sentido da vida parece emergir quase automático nas crenças vindas do berço, na religião, na moral assumida pelo grupo, no direito, na política, na ciência, nos elementos da cultura enfim. Em períodos de grandes transformações, os elementos culturais perdem a força da evidência, as pessoas perdem suas crenças, ficando a tarefa de elaborar o sentido mais difícil e arriscada. Estes momentos históricos de maior dificuldade existencial são sentidos como épocas de crise; assim os viam os representantes do movimento existencial e o raciovitalista espanhol José Ortega y Gasset. Este último tratava a questão do sentido de modo singular: minha vida é o que fazer na circunstância em que encontro. Esta é a questão radical ou primeira, dizia o espanhol, no mesmo significado que lhe dera Camus: o que fazer de minha vida é a primeira das questões, dela dependerá as demais indagações.

Quais os problemas de nosso tempo que afetam a determinação do sentido? São muitos, mas antes de apresentá-los devemos observar que a constatação de que passamos por mudanças profundas deu aos filósofos do último século a percepção de crise. Esta situação não se alterou nas últimas décadas. As mudanças no modo de viver, provocadas pelo desenvolvimento técnico-científico, pela expansão da rede mundial de computadores, as transformações dos costumes, valores, senso estético, etc., continuam aceleradas, assim como as conseqüências que provocam.

Que mudanças ocasionaram a percepção de crise no último século? O que se passou que chamou atenção dos filósofos de modo tão especial? Uma série de fatos. O século XX começou com a Primeira Grande Guerra Mundial, um dos mais violentos conflitos de todos os tempos com a brutal guerra de trincheira. Seguiu-se a revolução soviética de 1917 e o afastamento dos integrantes do bloco comunista do mundo ocidental. O novo governo soviético estabeleceu um estado de confronto velado com o ocidente que ficou conhecido por Guerra Fria. Também precisamos lembrar as dificuldades econômicas que se seguiram à quebra da bolsa de Nova York em 1929, fato que lançou o mundo todo

em grandes dificuldades materiais. Como lembra Garaudy (1966): “A produção mundial caindo 40%, o comércio mundial de 60%, de 1929 a 1932. Trinta milhões de desempregados. Vidas despedaçadas. Vidas sem objetivo” (p. 6). Muitos países se valeram de regimes totalitários para enfrentar as dificuldades daquele momento. Surgiram os governos nazista, fascista, franquista e ocorreu o endurecimento do regime comunista. Das disputas nesta nova situação e dos ressentimentos e feridas abertas pela Primeira Grande Guerra veio a Segunda Grande Guerra. Ela se estendeu de 1939 a 1945 e acelerou as transformações no modo de vida que vieram desde a Primeira Guerra Mundial. Quais foram os resultados das duas Grandes Guerras? O acirramento da chamada Guerra Fria envolvendo as principais forças militares do planeta, o surgimento de uma nova família onde a mulher trabalha fora de casa. Esta mudança trouxe novos focos de tensão entre pais e filhos. Aumentou o tempo da educação formal dos jovens, eles passaram a ficar mais tempo fora de casa durante o dia e ter o período de formação mais alongado. Hoje em dia é comum ver jovens ainda estudando aos 26 anos ou mais. Nesta idade ainda estão dependentes dos pais. Também se percebeu o crescente planejamento familiar, começando com as famílias de maior poder aquisitivo, mas, aos poucos, a diminuição no número de membros das famílias torna-se comum nas camadas mais pobres da população. Nos últimos anos, houve ainda o reconhecimento do divórcio como legítimo e, mais recentemente, a união civil de pessoas do mesmo sexo passou a ser reconhecida. Em alguns países passou-se a admitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Aumentou o consumo das massas resultado do enriquecimento mundial e da expansão das práticas capitalistas por quase todo o planeta. Este enriquecimento não foi igual nem entre as classes sociais, nem entre os povos, o que estimulou o despertar das nações menos desenvolvidas do planeta que passaram a aspirar o mesmo nível econômico e social das nações mais ricas. Elas procuraram se organizar para influir nas grandes decisões internacionais que afetam o destino dos povos. Tudo isto acontecendo rápida e bruscamente representou grande mudança no modo de viver das pessoas espalhando a percepção de crise. É neste ambiente em mutação que o problema do sentido foi percebido e considerado pelos filósofos. Hoje em dia, as pessoas parecem guiar-se pela procura do prazer imediato usufruído sem uma análise mais cuidada de suas conseqüências. Este novo hedonismo que caracterizava a

sociedade americana depois que ela emergiu da crise de 29 espalhou-se pelo mundo. Mundializou-se o modo de vida americano, ou melhor, a expectativa de desfrutá-lo. Este tempo viu surgir um homem que esqueceu de pensar em si e nas conseqüências do que faz, que deseja gozar o quanto pode sem se preocupar com as conseqüências. Tornou-se consumista e hedonista, pouco reflexivo e despreocupado com o devir. Ortega y Gasset denominou homem massa a este consumista irresponsável e infantil. Infantil porque espera receber tudo nas mãos sem fazer grande esforço ou avaliar as conseqüências do que faz. Este sujeito tornou-se um especialista que pouco conhece dos demais aspectos da cultura. O conceito orteguiano de homem massa é um modo de descrever a atual condição humana, mas tem implicações morais. O filósofo não defende a diferença econômica entre as classes, como dissemos (2002): “As massas não são classes sociais ou agremiação política, o homem massa é mais que um fato psicológico (...) é um produto cultural, é desvio de rota da sociedade ocidental” (p. 417). Trata-se de um desvio, pois não é um afastamento dos valores centrais construídos no ocidente nos últimos mil anos.

O desafio dos filósofos nasceu dos acontecimentos mencionados acima e do que resultou dos grandes conflitos que o século assistiu. As dificuldades enumeradas estimularam várias escolas filosóficas a repensar a vida humana entre as quais: a existencialista, a raciovitalista, a personalista, a fenomenológica, a marxista. Além dos filósofos, as transformações foram notadas por profissionais de outras áreas como: psicanalistas, psicólogos, antropólogos, historiadores, sociólogos, pedagogos e muitos outros estudiosos da vida social. Todos estes profissionais tratam de algum aspecto das grandes transformações que estamos vivendo.

A meditação filosófica que respondeu às dificuldades do século XX criticou os sonhos de progresso contínuo badalados pelo historicismo otimista do século XIX. Tal historicismo estava baseado numa razão esclarecedora e numa ciência benfeitora que fizera o homem acreditar num futuro grandioso para todos sem necessidade de grande empenho pessoal ou esforço. Era como se o progresso material, intelectual e moral fosse ocorrer automaticamente e o seu resultado fosse igualmente bom para todos os homens. Não foi o que aconteceu e, ao tratar o problema do sentido, os filósofos buscaram explicar o motivo: a vida de cada pessoa é única, o que é bom para alguém pode não ser para outro.

As últimas décadas do século XX assistiram outras mudanças e foi dito tratar-se de um período pós-moderno para significar que o modo de vida moderno estava definitivamente superado. Os filósofos que se referiram àqueles dias deste modo queriam também dizer que mesmo que os horizontes do novo tempo não fossem ainda claros o processo de mudança já assegurava a superação dos antigos valores e costumes. No entanto, o distanciamento que hoje temos do surgimento do conceito nos permite ver este tempo de outro modo. Assistimos a mudanças por certo, mas como elas seriam?

Espalhou-se um sentimento geral de que as relações pessoais só se justificam quando valem a pena resultando num número alto de separações e novos casamentos, que o trabalho expressa vocação íntima e não é só o ganha pão diário, que todos têm direitos iguais de ocupar os cargos e espaços públicos, que os dogmas religiosos não são mais aceitos sem questionamento, que os fundamentalismos religiosos precisam ser evitados, que cada um é responsável por sua vida, que a política é mais espaço de resultados do que de ideologias, que é legítimo a aspiração das pessoas de melhores condições de vida e trabalho (CARVALHO, 2010, p. 162).

Assim, esta nova vida que surgiu provocando a revisão da vida e dos valores e que pareceu promover um afastamento do modo de vida moderno, não foi exatamente compreendido pelos anunciadores da pós-modernidade. O impacto, inicialmente percebido na Estética com a superação do classicismo e a contestação da autoridade por um individualismo radical, trouxe as mudanças que enumeramos, mas preservou certos valores e orientações. Os homens do século passado para cá estão menos preocupados com sua intimidade que as gerações que os antecederam, mais hedonistas e consumistas do que as gerações passadas. A sociedade tornou-se aficionada pelas novidades científicas e tecnológicas, adotou exigências crescentes de bem estar, rejeitou compromissos de longo prazo e deseja obter o prazer sensível o mais rápido possível. Ainda assim permanecem válidos os grandes valores do ocidente: a pessoa humana, o estado de direito, a liberdade. Esta última se expressa no reconhecimento de que o problema do sentido não se afasta nem da liberdade do existente nem da responsabilidade que ele tem com suas escolhas.

4. Sentido e responsabilidade

Nos itens anteriores indicamos que viver é construir um sentido e que esta tarefa parece diferente para as diversas gerações que se sucedem na história. Em períodos de crise as certezas são menores e os riscos maiores. A existência é feita de rotinas e também de aventuras, mas uma e outra nascem das escolhas que fazemos. A vida não é uma estrutura pré-fabricada nem pela história, nem por Deus, nem pela ciência, mas nem por isto ela é jornada sem direção. As escolhas implicam no resultado, o que aproxima sentido de responsabilidade. Quem escolhe é responsável pelas consequências e não pode atribuir o resultado das suas opções ao destino, a Deus, a um superior hierárquico na sociedade. Parece ser isto o que Roger Garaudy quer nos dizer ao se referir ao conjunto de nossa vida do seguinte modo (1975): “Cada um de nós é pessoalmente responsável pela criação” (p. 56). E se o que fazemos é que confere significado à vida, o amor em suas várias formas de abertura aos outros aparece na edificação desse sentido porque ele só existe pela entrega a uma causa, a uma pessoa. “O sentido da vida não é exterior ao ato de criar a vida, de fazer emergir em nossa própria vida, e na de todos, o homem poético” (*Idem*, p. 58). Victor Frankl disse algo parecido, é a abertura numa direção que dá lastro ao viver.

No entanto, a questão do sentido não se resume a escolher uma direção e estar atento aos resultados, conforme explica Gilberto de Mello Kujawski em *O sentido da vida*. Ele lembra que há três acepções de sentido: direção, nexo e significado. O primeiro representa o ir a algum lugar ou alvo. É o que nos ocupou fundamentalmente até aqui. A vida humana é considerada um projeto porque é um ir ao futuro, é um que fazer contínuo. Entender a vida como criação de sentido não esconde que ela contém acasos que podem alterar ou destruir o projeto vital como: doenças, catástrofes, perda de patrimônio, etc. O filósofo espanhol Ortega y Gasset dizia sobre isto que algumas coisas nós escolhemos e outras nos acontecem. Não somos responsáveis pelo que nos acontece, só por nossas escolhas e, entre elas, o que fazemos com o que nos acontece.

A segunda acepção de sentido é nexos, isto é, a vida pede coerência, os fatos precisam estar ligados entre si para a vida possuir sentido. Isto tem a ver com responsabilidade, mas é mais extenso. Nexos é, lembra Kujawski, “articulação entre os diversos momentos do meu viver a fim de que a vocação complete seu desenho da forma

mais perfeita possível” (p. 42). É pela razão que se estabelece o nexos, é ela que apreende a conexão entre os fatos. É ela que antecipa o que virá e permite saber se o que alcançamos era o que de fato queríamos alcançar. Para tratar disto, Ortega y Gasset nos fala de vocação ou força íntima para realizar alguma coisa. Há, certamente, impulsos íntimos que nos trazem mais alegria ou realização, mas, não exatamente como propõe Ortega y Gasset, é o vínculo com o sentido que a determina. É a racionalidade que nos permite construir o nexos. Caso contrário cai-se no vazio provocado pela antecipação da morte que nos espera e encontra na filosofia heideggeriana tratamento especial como característica essencial do *Dasein*. A construção do nexos e a objetivação de valores íntimos é que dá sentido ao viver.

A terceira acepção de sentido refere-se ao significado. Cabe sempre indagar como a pessoa significa sua trajetória e escolhas, como ela avalia a plenitude do que vive. Significar é submeter à razão o sentido que queremos dar à nossa vida. É preciso entender que esta adequação não é automática, não está pronta ou vem de graça, ao contrário, exige empenho e responsabilidade. Estar de acordo com a direção escolhida, perceber a totalidade do que se faz, estar consciente deste processo se manifesta na consciência de que vale a pena viver. A vida só parece valer realmente a pena quando é sentida de forma refletida. Para isto a meditação filosófica contribui bastante. É o significado que o filosofar permite que possibilita superar o tédio da rotina, a angústia da falta de certeza e da indiferença com a meditação. É pelo significado que se procura suplantar as adversidades daquilo que nos ocorre e foi acima mencionado. “Quando considero o modo humano de ser, não tenho como desconhecer o fracasso, mas posso evitar ser dominado por ele” (CARVALHO, 2006, p. 52). E quando se pensa no significado para vida que se consegue vencer o desamparo em que muitas vezes nos encontramos, no vazio existencial em que mergulhamos. É a fadiga que nasce do tédio que a meditação filosófica permite enfrentar, como diz Karl Jaspers na *Iniciação Filosófica* (1987):

O homem precisa de se arrancar a si próprio para não se perder no mundo e em hábitos, em irrefletidas trivialidades e rotinas fixas. Filosofar é decidirmo-nos a despertar em nós a origem, é reencontrarmos-nos e agir, ajudando-nos a nós próprios com todas as forças (p. 110).

Há ainda algo mais que significar o sentido permite. Uma pessoa pode considerar desnecessário pensar o sentido. Ela conduzirá a vida sem grandes dificuldades até algo a atingir prejudicando seu projeto. Assim ocorre porque não pode se livrar daquilo que lhe acontece, como dizia Ortega y Gasset. Karl Jaspers cria o conceito de situação-limite para falar disto que nos ocorre por conta de nossa condição humana. Ele explica as situações-limite (1987): “tenho que morrer, tenho que sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa” (p. 19). Se não estamos conscientes destas possibilidades nos perdemos na execução do sentido. É então que a angústia filosófica se torna desespero:

A ausência de problematidade em nós aceita o mundo como absoluto. Numa situação feliz rejubilamos com a nossa força, acalentamos uma confiança impensada e nada conhecemos para além de nosso presente. Atingidos pela dor, pela fraqueza, pela impotência, desesperamo-nos (*Idem*, p. 20).

Significar o sentido nos coloca em condição de pensar melhor em que consiste a sua realização. Nós ficamos mais preparados para reorientar a sua direção ou mesmo refazê-la se a vida nos atinge com a lança do acaso. Ficamos mais bem preparados para as adversidades e podemos recomeçar, apesar das dores, e talvez até possamos nos tornar melhores e mais tolerantes depois de sermos maltratados pelo acaso. O modo como reorientamos o sentido é a base de nosso desenvolvimento pessoal.

Assim, se o filosofar nos ajuda a descobrir que a vida é o produto do que escolhemos, ao construir nexos e significar a totalidade do viver encontramos meios de enfrentar o vazio existencial, as dores, culpas e sofrimentos, resultados da nossa finitude. A Filosofia nos ajuda a não nos esquecermos do que é feita a existência que temos para viver. O dia a dia e a rotina que aí nasce, os imprevistos e os riscos não deixam de nos ameaçar. Se não nos voltamos para a meditação filosófica, não encontramos o que de melhor podemos fazer para enfrentar as adversidades, o sentimento de vazio e tédio e outras dores contemporâneas. Filosofar é não esquecer que se vive, é preocupar-se com a totalidade do que vamos fazendo, estar atento a suas consequências e não se desviar da direção que escolhemos.

A responsabilidade relaciona-se à rota escolhida, em assumir suas consequências, em meditar sobre a relação entre cada fato e nossa vida, e também manter o rumo na direção que adotamos. Há uma responsabilidade com o sentido, além da responsabilidade moral, ou melhor, “o indivíduo é ontologicamente livre porque pode escolher uma vida singular, mas ele é eticamente livre quando escolhe respeitar os valores que o acordo coletivo reconhece válidos” (CARVALHO, 2010, p. 149).

5. Considerações finais

A que conclusões chegamos com estas considerações sobre o sentido? Quando pensamos a existência humana como resultado de um sentido nós nos deparamos com uma realidade em transformação. A vida é resultado de escolhas e elas contribuem para nossa individualização. Cada homem é um mundo porque vive sua relação com tudo que o envolve de forma única e a consciência desta singularidade aumenta à medida que se vai vivendo e significando as escolhas. Faz parte do modo humano de ser a formação desta singularidade, ainda que cada qual tenha em sua vida particularíssima elementos comuns com outros homens. São estes elementos compartilhados que formam nosso modo humano de ser.

Outra coisa que indicamos é que o exercício da liberdade, que na busca do sentido nos torna singulares, não se efetiva sobre possibilidades infinitas. As escolhas de cada um são feitas numa dada circunstância. Isto significa que nossa liberdade se exerce em situação e que tal circunstância soma aspectos próprios do indivíduo como sua herança genética e elementos culturais como os valores que ele compartilha com os homens de sua sociedade no tempo em que vive. Ortega y Gasset se refere a esta temporalidade comum como geração. Assim como os indivíduos são históricos, pois a construção de sentido é um episódio temporal, também a sociedade em que ele vive é histórica, porque muda pela ação das gerações.

A edificação do sentido que singulariza a existência humana e a torna diferente dos outros modos de existir incorpora elementos éticos e epistemológicos porque a escolha não se dá fora dos valores e conhecimentos de um certo grupo no tempo. Mesmo que o indivíduo reconheça valores únicos e passe por experiências singulares, ele reconhece obrigações às quais sua escolha precisa estar submetida e saberes que compartilha com

outros homens. Assim, a liberdade ontológica de escolher o sentido que inicialmente quase não tinha limites, além da circunstância biológica de cada um, vai-se tornando limitada pela liberdade moral e epistemológica que passa a orientá-la pelas referências culturais que o existente assimila. É isto que liga a questão da existência como liberdade à cultura onde o existente vive.

A construção do sentido considera elementos *a priori* que contribuem para realizá-la como também afeta a organização da sociedade em que o sujeito vive. Logo, a cultura ajuda a formar o horizonte de cada um e aparece como desafio a ser modificada pelas escolhas do sujeito. Este aspecto revela que a existência é histórica, o que explica por que um sentido nunca se completa enquanto há vida. Não só ele é histórico, também o é a sociedade onde ele nasce e vive, pois ela está sempre em transformação, mesmo que preserve alguns valores.

A construção do sentido muito se beneficia da Filosofia porque sentido é também significação e nexos. E a meditação filosófica ajuda a elaborar tanto a significação quanto construir nexos no empenho de cada qual para alcançar a verdade. A verdade aparece ao existente de vários modos, como científica, religiosa, linguística, jurídica, ética, etc., mas, sobretudo existencial. É para esta última que a Filosofia mais contribui ao descrever os elementos da existência.

Referências:

- CARVALHO, José Mauricio de. *Filosofia da cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- _____. *História da filosofia e tradições culturais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: CEFIL, 2002.
- _____. *Filosofia e Psicologia, o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- _____. *O Homem e a Filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- _____. *Ética*. São João del-Rei: UFSJ, 2010.
- FRANKL, Viktor E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990.

GARAUDY, Roger. *Perspectivas do homem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *Palavra de homem*. São Paulo: Difel, 1975.

HEIDEGGER, Martin. *El ser y el tiempo*. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *O sentido da vida*. São Paulo: Gaia, 2010.

PACKTER, Lúcio. *Cadernos de Filosofia Clínica*. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997/1998.

PAULO, Margarida Nichele. *Compêndio de Filosofia Clínica*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1999.

Data de registro: 12/05/2010

Data de aceite: 10/08/2010